

V i d á l i a

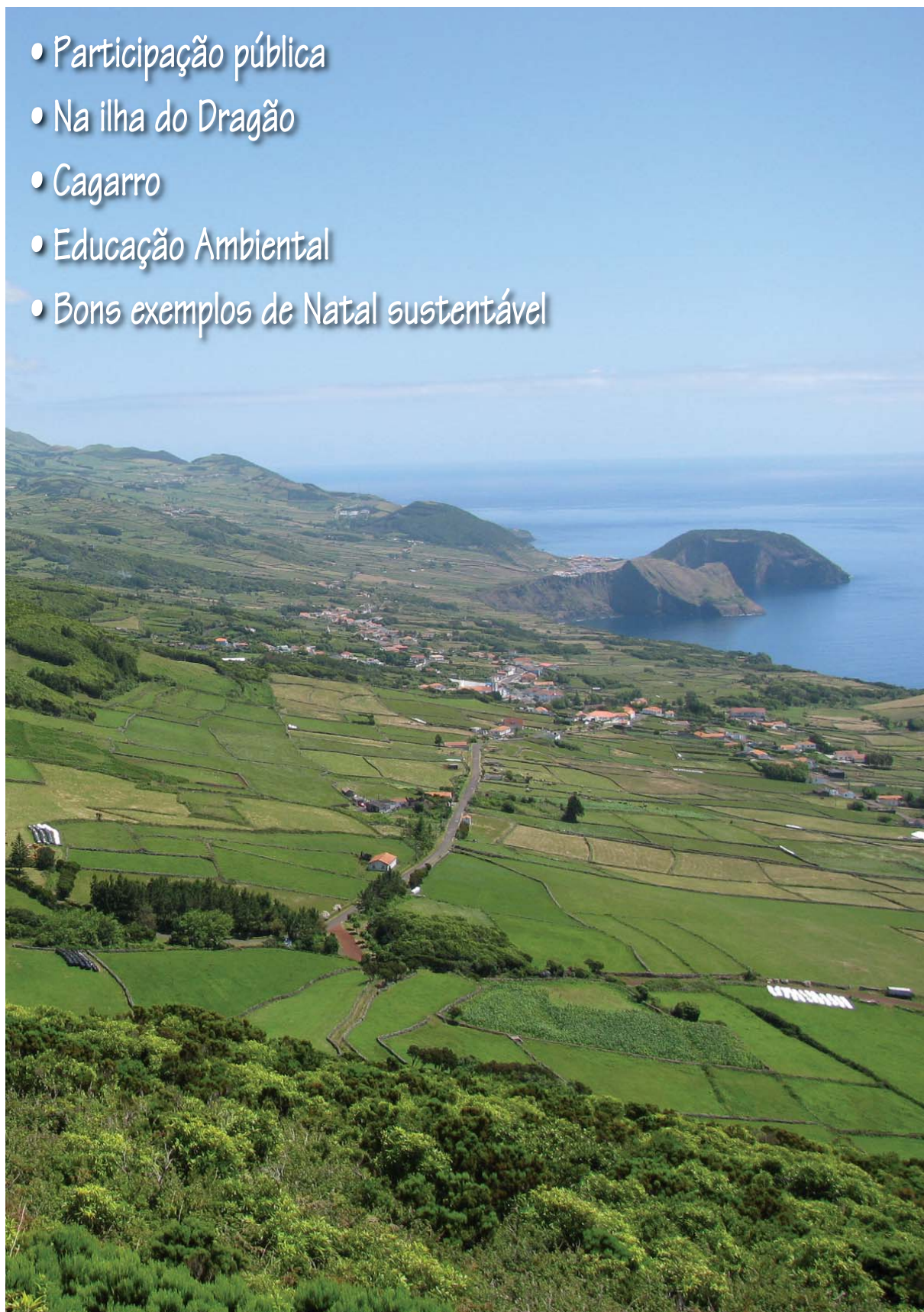
Boletim dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica

nº 32

•

2009

- Participação pública
- Na ilha do Dragão
- Cagarro
- Educação Ambiental
- Bons exemplos de Natal sustentável



Sumário

| | |
|--|----|
| Capa | 1 |
| Sumário | 2 |
| Editorial | 3 |
| Participação pública - uma chave para um desenvolvimento sustentável | 4 |
| Na ilha do dragão | 6 |
| Este Ano Salve um Cagarro, Faça um Amigo | 8 |
| Cântigo ao Cagarro | 10 |
| Educação Ambiental... Reflexões... | 10 |
| Actividades da Ecoteca de Ponta Delgada | 12 |
| Ecoteca da Ribeira Grande ... Ensino ou Educação Ambiental? | 15 |
| Bons exemplos de Natal sustentável. | 17 |
| Publicações e Materiais para venda | 18 |
| Novos Sócios | 19 |
| A Terra que não queremos ... | 20 |

Telefone/Fax: +351 296 498 004

Web: www.amigosdosacores.pt/

Email:
amigosdosacores@amigosdosacores.pt

Órgãos sociais da Associação

Direcção

Presidente

Sérgio Diogo Caetano

Secretário

Gilda Pontes

Tesoureiro

Eduardo Santos

Vogais

Eva Almeida Lima

Jorge Cardoso

Suplentes

Lúcia Ventura

José Pedro Medeiros

CONSELHO FISCAL

Presidente

Emanuel Ponte

Secretário

Arlinda Fonte

Vogal

Norberto Carreiro

Suplentes

Nuno Pimentel

Catarina Furtado

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente

Teófilo Soares de Braga

Vice-Presidente

Maria Manuela Livro

Secretário

Mário Furtado

Suplentes

Eduardo Almeida

José Melo

Sede Social

Está instalada no edifício da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, Avenida da Paz, 14. Ali se encontram todas as publicações editadas e uma biblioteca especializada na temática ambiental. Os interessados poderão visitá-la todos os dias úteis das 9h às 12h e das 13h às 17h. Aconselha-se a marcação da visita. Contacto: Carla Oliveira, Tel. 296 498 004

Vidália

**Boletim dos Amigos dos Açores
– Associação Ecológica**

**Distribuição gratuita
entre os sócios**

Os artigos são da responsabilidade dos autores e não representam obrigatoriamente a posição oficial da Associação.

É permitida a reprodução e transcrição, desde que citada a fonte e o autor

Apoio

**Secretaria Regional do
Ambiente e do Mar**

**Execução Gráfica e Impressão
EGA
Empresa Gráfica Açoreana, Lda.**

Editorial

Este Boletim Vidália vem recheado de diversos artigos de variados temas e actividades desenvolvidos no âmbito dos Amigos dos Açores e das Ecotecas de Ponta Delgada e da Ribeira Grande.

É apresentado um estudo sobre a participação pública em planos e projectos ambientais nos Açores, sendo apresentados os principais resultados deste estudo promovido pelos Amigos dos Açores e desenvolvido por Julie Bentz.

Em seguida a associada Margarida Melo relata a saída de campo realizada à ilha de São Jorge por um grupo dos Amigos dos Açores, com o intuito de se realizarem percursos pedestres e contactar com a natureza jorgense.

Os cagarros marcam, novamente, presença no boletim Vidália, agora com o testemunho de Cidalina Gomes, associada que participou pela primeira vez nas Brigadas Nocturnas de Salvamento de Cagarros campanha e conta-nos as suas aventuras.

São, ainda, apresentados dois textos de reflexão sobre a Educação Ambiental que se faz por cá e seus propósitos.

São apresentadas algumas das actividades realizadas pela Ecoteca de Ponta Delgada e a concluir temos um texto sobre bons exemplos de Natal sustentável, que todos deveriam promover, da autoria de Luís Noronha.



Participação pública – uma chave para um desenvolvimento sustentável

Texto, fotografia e imagens: Julia Bentz

A Participação pública é já uma prática comum em muitos países.

Em Portugal a implementação e execução de uma efectiva participação pública tem sido dificultada. Verifica-se, no entanto, cada vez mais que os processos de participação onde o diálogo está presente possuem uma grande vantagem pelo facto do público sentir-se mais envolvido na decisão tomada e, portanto, assumir a co-responsabilidade das consequências que poderão daí advir.

Em processos relativos à protecção do ambiente, é reconhecido que a sua implementação depende especialmente da aceitação do público. Portanto, a participação dos cidadãos é fulcral para o sucesso das políticas ambientais e para um desenvolvimento sustentável.

Participação a nível regional

A nível regional a participação pública é efectuada por meio da consulta pública e dos órgãos consultivos do Governo Regional dos Açores. Para melhor perceber a participação pública na região, os Amigos dos Açores tomaram a iniciativa de realizar um estudo exploratório que, entre outros, tem como objectivos um melhor conhecimento do modo como é feita a sua promoção por parte das entidades públicas e como a mesma é encarada por parte dos cidadãos. Assim, foram elaborados dois questionários: um para entidades públicas e privadas, instituições de ensino superior, organizações não governamentais, agências regionais e outras associações; e outro que tinha como público alvo a população em geral. Enviaram-se questionários a 72 entidades, dos quais foram remetidos 36, quanto aos inquéritos feitos aos cidadãos conseguiram-se 259 inquéritos preenchidos.

Consulta pública e formas de participação

Os resultados obtidos revelaram algumas deficiências na consulta pública. A maioria das entidades inquiridas (52,7%) considera o processo de consulta pública pouco eficaz. Apenas 38,80% encara a participação pública razoavelmente eficaz.

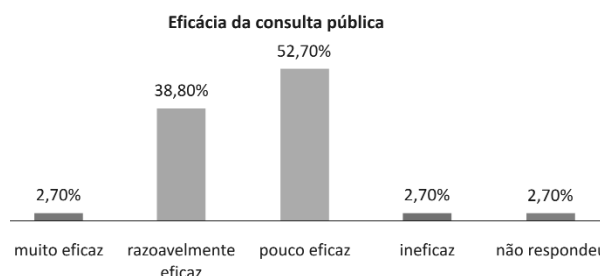


Figura 1: Eficiência da consulta pública

Relativamente ao inquérito ao público revelou-se que muitas pessoas não sabem como podem participar na elaboração dos planos e projectos ambientais, pois 92% dos inquiridos (238 pessoas) não conhecem nenhuma forma de participação.

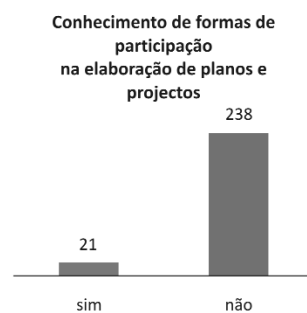


Figura 2: Conhecimento de formas de participação

Influência do público sobre as decisões

Para 40,9% dos inquiridos "a consulta pública serve apenas para informar o público sobre os planos e projectos em questão". Os inquiridos têm, portanto, a opinião de que os seus receios não têm qualquer efeito sobre as decisões com incidência no Ambiente. 21% dos auscultados consideram que a consulta pública serve, para além de informar, "também para considerar os receios do público". Mas a maior parte das pessoas entende a consulta como veículo de informação do que já foi decidido e não como uma forma de incorporar o público no próprio processo de tomada de decisão.

Continua ➔

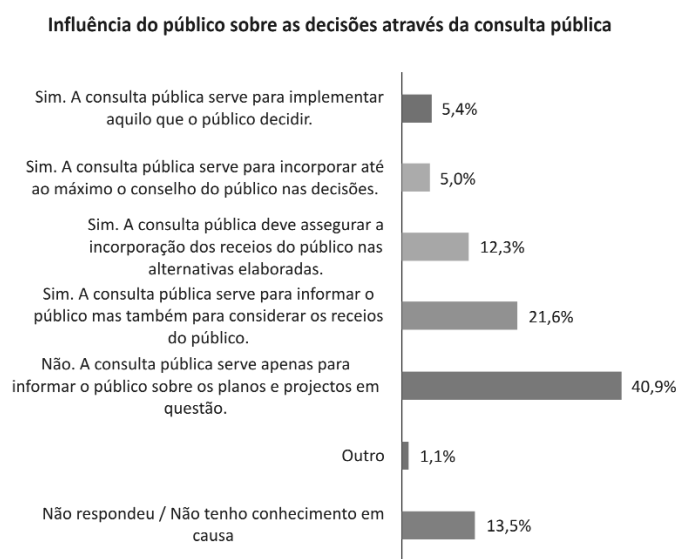


Figura 3: Influência do público sobre as decisões através da consulta pública

Propostas dos inquiridos para melhorar a participação pública

As propostas dadas pelo público para melhorar a participação foram sobretudo “mais informação” e “maior transparência”, mas revelaram também que há uma necessidade de melhorias nas outras áreas. Pediram-se mais possibilidades de colaborar na elaboração dos planos e projectos, possibilitar mais discussão sobre os planos e projectos na comunicação social, técnicas adaptadas para alcançar e informar pessoas sem formação e acesso aos meios de comunicação social e haver mais interesse das pessoas pelas políticas do Ambiente.

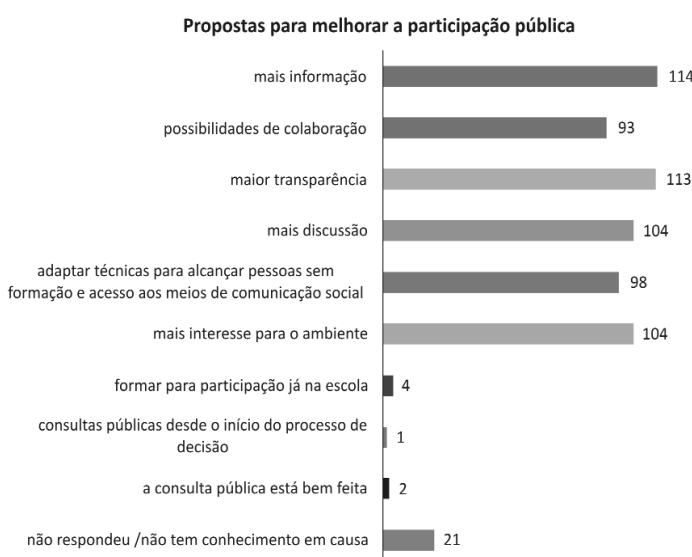


Figura 4: Propostas para melhorar a participação

Os resultados do estudo revelam que há necessidade de promoção de um processo de participação

pública mais compreensível, acessível e atractiva. Um processo desta natureza deve permitir à sociedade exprimir a sua opinião e não pode ser reduzido a uma formalidade administrativa. Deve ser um processo aberto, de modo a levar os cidadãos a sentirem confiança de que as suas opiniões serão tidas em consideração. As respostas aos inquéritos efectuados mostraram que há pouco conhecimento sobre as possibilidades de participar efectivamente na elaboração de planos ambientais. Para melhorar o conhecimento das pessoas, é importante que a informação seja acessível e fácil de obter por qualquer cidadão. Ela deve ser de fácil interpretação de modo a que todos os interessados sejam capazes de compreender como poderão participar.

Para alcançar o maior número de pessoas é necessário haver um investimento em novas formas de publicitação adequadas aos diferentes públicos e projectos. Não há, por exemplo, um esforço no sentido de fazer chegar a informação a determinados grupos, como o caso dos analfabetos ou pessoas com pouca escolaridade, que ocupam ainda hoje uma grande percentagem da população portuguesa.

Havendo falta de hábitos de participação, é preciso ajudar o público a participar, o que passa por promover o envolvimento, compreensão e desenvolver capacidades das pessoas sobre o que está em causa, sendo fundamental transmitir, claramente, aos cidadãos que eles conseguem efectivamente influenciar os planos e projectos em questão.

Para uma comunidade viva

As entidades promotoras da participação pública podem tirar grande proveito de uma boa participação. É útil para minimizar o desinteresse do público pelos processos políticos e mobiliza a troca de experiências, a capacidade de argumentação e o estabelecimento de compromissos (Brito 2008). A participação promove, sobretudo, melhores decisões e cidadãos mais informados, e ao nível social favorece a construção de uma comunidade viva, integradora, comunicativa e responsável, com capacidade de dar forma ao seu futuro (Heras 2002).

Na ilha do dragão

Texto: Margarida Melo; Fotografias: Margarida Melo e Eva Lima



Conta a lenda que a ilha de S. Jorge esconde um dragão adormecido. Um dragão jovem, cujo dorso se estende por algumas dezenas de quilómetros e de que das três vezes que acordou, na sua irreverência vulcânica, transformou o verde da ilha, modificando falésias, penedias, grutas e fajãs.



No verde costado deste dragão, instalaram-se os primeiros povos da ilha, ávidos e determinados em contornar as dificuldades da paisagem agreste. Partilhando a coragem do santo cavaleiro, que segundo a lenda desceu do céu para enfrentar o dragão que ameaçava a sobrevivência do pequeno reino, os povos da ilha vivem há centenas de anos neste

negociado equilíbrio com a natureza. Talvez por isso, em S. Jorge se encontrem tão engenhosos utensílios e técnicas agrícolas: os poços de maré; as roldanas que ainda persistem nas fajãs e que de lá fazem descer e subir lenha e outros haveres; a arquitectura das casas que se moldam à natureza; as janelas de guilhotina para as habituais ventanias, ...

Diz-se (e eu concordo) que a necessidade faz o engenho e, certamente, S. Jorge é um perfeito exemplo da persistência e génio humanos em contornar as adversidades naturais. Mas mais do que isso, S. Jorge é um perfeito exemplo de que antes da determinação existiu a certeza que a natureza era mais forte. Enfim o dragão estava adormecido, porém nunca estaria definitivamente vencido, por isso, como dizia um aldeão, “a terra não nos dá nada, nós é que temos que lhe tirar”. Os antigos povos da ilha sabiam pouco de ler e escrever, mas foram sábios em descortinar que a única forma de contornar as adversidades passaria pelo estrito respeito e reconhecimento das forças naturais. Enfim, uns verdadeiros ecologistas do passado, cujos pensamentos de humildade e engenho nos deviam guiar nestes conturbados tempos modernos. É que naquele tempo a “tecnologia” não serviu para dominar o espaço, mas tão somente para usufruir dele, para “tirar” dele aquilo que ele podia dar, repe-

Continua ➔



tindo, com humildade e perseverança, o trabalho as vezes que necessárias fossem.

Estavam, naturalmente, encontrados os motivos que nos levariam à ilha do dragão e, assim, para lá partiu um grupo de Amigos na última semana de Julho. O nosso objectivo era, sobretudo, visitar as afamadas fajãs, repetindo os trilhos há muito abertos pelos primeiros colonos da ilha.

À chegada percebe-se o mais importante: não estamos na ilha, estamos no Triângulo. Aqui se materializa o conceito de arquipélago, aqui pressente-se que estamos isolados, mas acompanhados e, na verdade, os ilhéus cumprimentam-se todas as noites quando se avistam as luzes das ilhas vizinhas.

Esse será outro dos grandes ensinamentos destas gentes - o espírito de uma comunidade que partilha e se solidariza para enfrentar os “azedos” da natureza. É, aliás, disso que nos fala outra das lendas da ilha, que relaciona a ocorrência de catástrofes naturais e da dureza e isolamento da ilha à fama dos milagres operados pelo Espírito Santo. Por isso, nestas festividades se oferece pão, vinho e sopas a quem precisa, porque o divino (ou a natureza) impõe a humildade aos homens, lembrando-lhes que só solidariamente subsistirão. Nos Lourais também nós usufruímos destas oferendas. Curiosamente, o Imperador era um açoriano emigrado na Califórnia que, cumprindo promessa feita, trouxera a sua já “americanizada” família a descobrir S. Jorge, numa odisseia de retorno às raízes do pai e avô, repleta em fajãs misteriosas e trilhos verdejantes. Mas isso só aconteceu no segundo dia, porque no primeiro descemos, porventura, a um dos espaços mais bonitos do arquipélago – a Fajã de Santo Cristo.

Não deixa de ser curioso que à Fajã de Santo Cristo não se chegue, mas se vá chegando. É talvez uma cautela da própria Natureza ou talvez apenas

uma outra lição de humildade, pois a beleza e espectacularidade deste espaço não deve ser oferecida de forma gratuita, obrigando o visitante a uma caminhada de algumas horas até a este isolado paraíso. A Fajã é, de facto, uma espécie de paraíso perdido que, possivelmente, ainda assim se mantém devido à difícil acessibilidade. Não há muitos anos, aqui vivia uma animada comunidade, mas a fúria de um terramoto veio adensar a ideia de isolamento que aqui se vivia e o espaço quase ficou despovoado. Nós,

porém, encontrámos por lá muitas pessoas, algumas serenamente saboreando aguardentes de canela e outras, claramente para aqui deslocadas de longínquas e movimentadas cidades, espreitavam indolentes à nossa passagem. Percebe-se que o paraíso tem sido descoberto por muitos, esperemos que todos eles reconheçam a urgência da sua preservação.... É a única atitude admissível quando se fala de um santuário.

Não foi esta, contudo, a única Fajã que visitámos. Da Fajã do Santo Cristo partimos a pé até à vizinha Fajã dos Cubres, onde junto a uma pequena ermida descobrimos, num acaso feliz, uma tradicional salga de peixe. Também, a seguir à Sopas dos Lourais, visitámos a Fajã dos Vimes, onde se prova, provavelmente, o único café produzido em terras açorianas e se aprecia a confecção em teares de belíssimas colchas e tapetes. Preciosidades que os tempos modernos têm feito esquecer, mas que as gentes destes recônditos lugares preservam e estimam.

E assim foi. Uma viagem de saberes e sabores, de conhecimentos e reflexões. Em seguida, viajámos até à Ilha Montanha, mas isso já é outra história.



Este Ano Salve um Cagarro, Faça um Amigo

– O relato em primeira mão de uma Voluntária –

Texto: Cidalina Gomes; Fotografias: Duarte Sousa



“ Os cagarros estão exaltados. Estou estática, aprisionada pelo cinto dito de segurança com dois cagarros hospedados num caixote improvisado. O bico robusto de um tomou rumo em direcção à mão do Daniel que debate-se por permanecer na estrada, o outro decide encaminhar-se na direcção das minhas bochechas. A mão do Eduardo insurge-se do assento de trás e segura-o com uma luva. Entretanto o Nuno abre freneticamente a porta do meu lado e desata-me o cinto. Suspirei fundo. Por breves segundos, imaginei que era protagonista de um filme de ficção científica digno de Spielberg, com explosões à Peter Jackson”

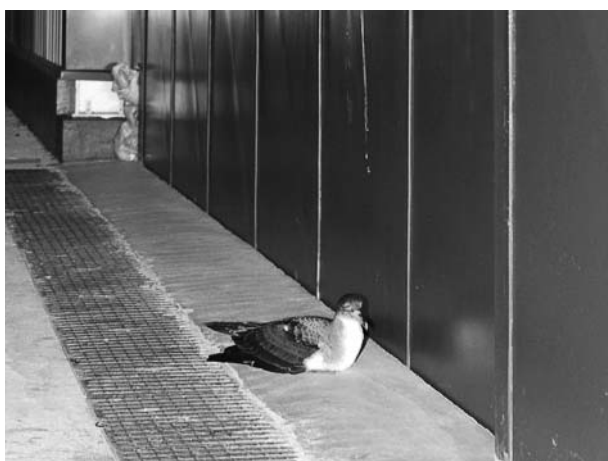
Este é o testemunho pessoal de uma das muitas situações caricatas que ocorreram nas Brigadas Noturnas da Campanha SOS Cagarro. De 19 de Outubro a 7 de Novembro um grupo de voluntários reunia-se pelas 20h:45min no quartel-general da Campanha cuja base oficial era o Bar do Pópulo. Após um dia de trabalho, fazemo-nos à estrada em busca de cagarros

desamparados. Nem sempre as noites outonais açoreanas são convidativas, mas nem a brisa gélida e a chuva miudinha detêm-nos da nossa missão: “Salve um Cagarro, Faça um Amigo”. Antes da partida somos divididos pelo número de viaturas existentes e ficamos responsáveis por percorrer os meandros das estradas micalenses. O avistamento de um cagarro vem a par de um grande frenesim dentro do carro. Busca-se a toalha, alguém que tire o caixote, onde estão as luvas? Ali está ele, atordado, com penugens à volta da cabeça, pasmado com tal alvoroço em seu redor. É recolhido para dentro de um caixote. De preferência não guarde dois cagarros no mesmo caixote. De acordo com a nossa experiência irão tornar-se ferozes, como feras da savana africana, lutando pelo seu território, “desplumando-se” mutuamente, trauteando cantos estridentes. Na manhã seguinte os felizardos apanhados durante a noite, serão libertados à beira-mar para assim prosseguirem o seu caminho.



É de louvar o trabalho destes voluntários, pessoas como tu que lêes esta narrativa, que todos os dias fazem o esforço de comparecer nas Brigadas, cujo proveito passa por uma duradoura sensação de satisfação pessoal e de dever cumprido. Este ano foram salvos mais de 400 cagarros. Mas não estamos aqui para trabalhar equações aritméticas, estamos aqui para actuar. A par dos cagarros vivos que salvamos, existe cerca de 70 mortos. Muitas vezes vimos cagarros estonteados pelas luzes de portos, urbanizações, irem directos bater em postes de iluminação e prostrarem-se fatalmente no chão. Outros jaziam nas bermas das estradas dilacerados por rodas de auto-

Continua ➔



móveis, que ingenuamente pensando, julgo que não tiveram outra hipótese senão rumar naquela direcção. Será que são os Cagarros que seguem o caminho errado? Ou somos nós que estamos a invadir um espaço que a nós não nos compete? Opto que esta pergunta retórica paire no ar. Segundo Ghandi “o progresso moral de uma nação pode ser avaliado na forma como tratam os seus animais”. Se continuarmos a encontrar animais despedaçados nas nossas estradas, e se o resultado deste acto nos alimentar o ego, estaremos a afastar-nos cada vez mais de uma sociedade que se pretende justa e com direitos iguais para todos. Todos entenda-se por todo o ser vivo que existe à face do nosso planeta.

— A esperança reside naqueles que
a vão construindo —



Cântico ao Cagarro

Odília Silves (Pseudónimo)

Donde vens, donde vens,
de que terra, de que mar,
donde vens, donde vens ó Cagarro,
que aos Açores vens repousar.

Desta terriola selvagem,
do alto da falésia viste barcos a desembarcar,
carregados de feiticeiras,
que a haviam de povoar.

Já tu aqui velejavas,
navegando sobre mar encrespado,
uma nau traiçoeira timonavas,
para donde jazia chicharro grado.

Cagarro, Cagarro,
que rapsódia entoas na escarpa,
nesse buraco recatado,
donde cuidas da tua cria,
e lhe sibilas o teu fado.

A cria fez-se juvenil,
chegou a hora de abalar,
para as terras meridionais á que rumar,
onde os mares parecem telas,
de águas tépidas pintadas a aguarelas.
O caminho é arriscado,
porque às vezes a estrela do céu que reluz,
as feiticeiras lançam-lhes um bruxedo,
e a estrela disfarça-se num poste da luz,

Chegas a esbarrar nestes encantos,
sem saber como a estas magias superar,
acabas morto sem direito a prantos,
morto por quem um dia viste chegar.

Se o dia for de ventura,
um bom mago poderá o feitiço reverter,
voltarás a cursar o teu destino,
e ele ficará só levitando na arriba,
a aguardar pelo dia em que te voltará a ver.

Educação Ambiental... Reflexões...

Texto Rafaela Anjos; Fotografias Rafaela Anjos e Paulo Correia



A educação ambiental na minha vida pessoal tem por base duas questões fundamentais: o respeito pelas leis da natureza e a capacidade de amar o próximo.

Estes dois ideais de vida, a meu ver, e associados a outros ideais éticos e de cidadania, quando postos em prática asseguram, por si só, o desenvolvimento sustentável do nosso planeta, do nosso “bem comum”.

A experiência de educar para a preservação deste “bem comum” permitiu-me constatar que as questões ambientais da nossa região, e do mundo, são encaradas de formas diferentes, tendo em conta o grau de valorização da natureza e a sensibilidade de percepção de que temos o dever de conservar um bem, do qual todos somos dependentes.

A perfeição nunca se atinge, se assim fosse o mundo seria algo bem diferente, difícil até de conceptualizar ...

Se fizermos o pouco que está ao nosso alcance será o suficiente para que o pouco de todos se faça sentir ...

O pouco para nós, como a poupança de alguns litros de água, representa a sobrevivência, a vida de muitas pessoas, noutra local do planeta ...

Existem interesses que se sobrepõem à vontade de cultivar, de forma simples, e por vezes trivial, as sementes que originarão os tais ideais fundamentais à preservação do nossa “casa” e consequentemente à nossa sobrevivência.

A solução é tão simples e fácil de entender. Porém, é algo difícil de operacionalizar ...

Vejamos um exemplo. Milhões de euros são gastos em tentativas de projectos mirabolantes baseados em energias limpas e tecnologias verdes, que implicam gastos enormes de recursos naturais quer na sua construção, quer no seu processo de fim de vida. Há tempos publicou-se uma notícia sobre uma proposta de construção de uma embarcação que se apresenta como uma estrutura habitável, auto-suficiente e não poluente. O desenvolvimento deste projecto baseia-se no facto de, hipoteticamente, precisarmos “de um segundo planeta por volta do ano

Continua ➔



2050”, admitindo a possibilidade de sobrevivermos no mar de forma sustentável. Não se estará a fugir ao senso da realidade? Que impactos isto terá sobre os ecossistemas marinhos? Será mesmo necessário invadir habitats que não são, por excelência, os adequados à nossa sobrevivência natural? Iremos continuar a contrariar as leis da natureza, que naturalmente nos oferece todas as condições de sustentabilidade, e com isso aumentar cada vez mais a irresponsabilidade perante o futuro do planeta?

À escala global, considero que as Ilhas dos Açores ainda são contempladas como um paraíso. Contudo caminhamos no sentido de uma crescente urbanização e degradação da paisagem natural, muito em prol do desenvolvimento turístico e da economia da região. Não devemos esquecer que o nosso arquipélago é constituído por ecossistemas extremamente frágeis e interdependentes, de cujo equilíbrio depende a nossa qualidade de vida.

Serão instantes como a falta de água por um dia, uma baixa de luz prolongada, a má qualidade dos produtos alimentares, uma inundação, uma derrocada, entre outras circunstâncias, que nos fazem reflectir sobre o nosso papel na defesa e preservação do nosso “bem comum”.

Infelizmente, de uma forma geral, só se aprende, realmente, a valorizar os bens disponíveis quando se sente a falta ou se sofrem as consequências, ou, quando se tem a sensibilidade e se está alerta para os apelos e incitamentos de quem cultiva a defesa do património natural.

Muitos quilómetros ainda exis-

tem por percorrer. Contudo, neste caminho bastante sinuoso, já se avistam iniciativas que poderão desencadear atitudes e comportamentos ecologicamente correctos e contribuir para a esperança de um futuro ambiental, quem sabe, risonho ...

Julgo ser fundamental o estabelecimento de uma relação transversal entre educação e ambiente e isto passa pelo incentivo da prática da educação ambiental em escolas, instituições, organizações e grupos sociais, quer através de um ensino formal, quer de um ensino não formal. É também importante que hajam incentivos que proporcionem uma maior participação local em projectos de desenvolvimento sustentável e que o conhecimento científico sobre a natureza seja orientador da prática da educação ambiental.

A educação ambiental não é a “fada-madrinha” dos problemas ambientais, mas pode consistir num processo contínuo de aprendizagem de conhecimento e exercício da cidadania, capacitando as pessoas para uma visão crítica da realidade e uma actuação consciente no âmbito social, ético e ambiental. Defender a qualidade ambiental deve ser um valor inseparável do dever de cidadania.

Mudar hábitos e atitudes não é tarefa fácil ... tem de se sentir e acreditar que é realmente necessário uma mudança de pensamento e acção, sem nunca descurar as relações sociais locais e a forma como os indivíduos observam e valorizam a natureza.



Actividades da Ecoteca de Ponta Delgada

Texto e fotografias: Rafaela Anjos e Paulo Garcia

Dia Mundial da Alimentação

No dia 16 de Outubro, a Ecoteca de Ponta Delgada, a Quinta do Priôlo e as turmas do 2º e 4º ano da Eco-Escola EBI/JI de Milagres comemoraram o Dia Mundial da Alimentação com um almoço biológico confeccionado pelos alunos.

Os alunos tiveram a oportunidade de explorar a quinta biológica (Quinta do Priôlo), de onde foram colhidos os legumes utilizados na confecção do almoço, fazer exercício físico na área Aventura e Ambiente e aprender a fazer papel reciclado.

O objectivo das actividades dinamizadas foi estabelecer o contacto com a prática da agricultura biológica e, em conjunto, elaborar uma refeição saudável à base de produtos biológicos produzidos localmente, não esquecendo o exercício físico na natureza, tão importante na nossa saúde.



Horta Biológica

Antes da preparação do almoço as crianças tiveram oportunidade de explorar a horta biológica e apreciar a diversidade de alimentos cultivados sem a utilização de produtos químicos.



O responsável pela horta demonstrou algumas técnicas de controlo, das pragas, amigas do ambiente.



O local da compostagem foi também examinado, nomeadamente as diferentes fases de degradação da matéria orgânica até se transformar em composto fértil, assim como alguns factores importantes neste processo como a temperatura e a humidade.

Nesta fase das actividades os alunos contactaram com duas importantes etapas do ciclo da matéria orgânica: produção e degradação dos alimentos.

Cozinha

Na cozinha todos ajudaram a preparar o almoço. Depois de colhidos os alimentos, e cumpridas as devidas regras de higiene, os alimentos foram preparados para a seguinte ementa:



Sopa Biológica – Diversos legumes da horta.

Prato Principal – Salada de Frango com alface e tomate biológicos.

Sobremesa – Fruta Biológica: ananás, mandarina e banana.

Bebida - Água

Reciclagem

No ateliê de reciclagem foi demonstrado o processo de reciclagem de papel, onde foram feitas as páginas do álbum para registo da actividade.

Continua ➔



Aventura e Ambiente

No espaço Aventura e Ambiente as crianças tiveram a oportunidade de praticar desportos saudáveis e amigos do ambiente: BTT e Karts. Aqui ficam alguns dos seus comentários:



"Também andámos num carro que não polui o ambiente"

"É bom para a nossa saúde fazer desporto."

"Foi um dia hilariante e divertido. E importante para a nossa saúde."

Depois das actividades almoçámos todos juntos. A refeição estava bem saborosa!

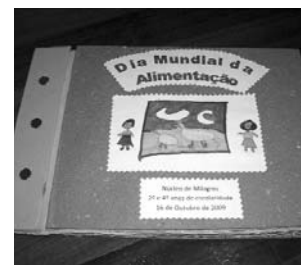


A sopa de legumes biológicos



A salada de frango

No final as crianças elaboraram um álbum fotográfico, feito com papel reciclado, onde descreveram tudo o que fizeram na data que assinala o Dia Mundial da Alimentação. "Jamais esqueceremos este dia!"



A dinamização desta actividade pretendeu reforçar a importância do consumo de alimentos biológicos na manutenção de uma alimentação saudável e na adopção de estilos de vida salutar e em harmonia com o ambiente.

Memórias de um passeio pelo Mar de São Miguel

Texto e fotografias: alunos da turma 8º E da Escola Secundária das Laranjeiras e Professora Fátima Botelho

Com o objectivo de comemorar o Dia Nacional do Mar, um grupo de 20 alunos da turma E do 8º ano da Escola Secundária das Laranjeiras, acompanhados por dois professores, embarcou numa aventura, no dia 16 de Novembro. Esta actividade, organizada pela Ecoteca de Ponta Delgada, em colaboração com a empresa Domingues Sub proporcionou "um passeio pelo mar de São Miguel", desde Ponta Delgada até Vila Franca e permitiu que estes alunos, na faixa etária dos 12-13 anos, saíssem da sala de aula, num estado de expectativa e emoção que era automaticamente perceptível pelos seus sorrisos e conversas entusiastas sobre a aventura que se avizinhava.

Numa reunião preparatória, os cuidados a ter e os objectivos desta saída foram apresentados aos participantes pela Ecoteca de Ponta Delgada. Esta actividade pretendia:

- sensibilizar os alunos para a importância do mar para os açorianos;
- permitir a observação das principais formas de ocupação da zona litoral (portos, áreas habitacionais, áreas industriais e áreas de cultivo) e a observação morfológica do modo como o mar contacta com a terra;
- estimular a reflexão sobre as consequências das principais ameaças que as várias actividades humanas podem provocar no equilíbrio natural que existe nos ecossistemas marinhos;
- permitir a observação da biodiversidade que o mar dos Açores pode oferecer;
- levar à conclusão que os benefícios do mar são inestimáveis e que a sua gestão sustentável é necessária para que as gerações futuras possam continuar a aproveitá-los.

Continua ➔



Apresentação dos objectivos da saída.

Como muitos destes alunos estavam apenas habituados a observar o mar visto da terra, era uma perspectiva completamente nova observar a costa sul da ilha de São Miguel, as várias formas como a ilha contacta com o mar. Ver e fotografar as praias de areia e de calhau rolado, as fajãs, as falésias, os ilhéus e baías que se encontram ao longo deste percurso permitiu-lhes explorar os seus conhecimentos de geografia e de geologia, uma vez que era possível, em determinados locais, distinguir as diferentes escoadas lávicas e os diferentes materiais vulcânicos que se depositaram no contacto da lava com o mar. A ilha “cresceu” e tomou uma dimensão “maior”.



Ilhéu de São Roque

Também foi importante observar e fotografar alguns animais directa ou indirectamente dependentes do mar tais como, caranguejos, garças, gaivotas e cagarros que se encontraram ao longo do percurso.



Gaivotas, ao fundo a Praia das Milícias

No que diz respeito a situações menos agradáveis

encontradas ao longo do percurso verificou-se que, logo à saída do porto de Ponta Delgada, na zona da Pranchinha, sentiam-se os odores desagradáveis provenientes da ETAR e observou-se a presença de resíduos sólidos numa praia de calhau rolado, localizada entre S. Roque e Lagoa. Por nós passaram duas embarcações de pesca, o que nos fez recordar que grande parte da nossa economia depende do mar e que temos que ser conscientes para gerir os recursos que ele nos pode oferecer.



Resíduos sólidos numa praia de calhau rolado

Não se detectaram manchas nas águas da zona costeira, provocadas pelo lançamento de águas residuais de esgotos, manchas de petróleo ou alcatrão ou grandes depósitos de resíduos sólidos. Os sinais de pressão urbana e erosão costeira provocados pela construção descontrolada junto ao litoral também não foram notórios.

Conscientes de que esta quase ausência de ameaças visíveis na zona litoral da costa sul da ilha de São Miguel pode ser uma situação temporária, os alunos mesmo assim pesquisaram, no regresso à sala de aula, o modo como o homem pode ameaçar o equilíbrio dos oceanos, provocando a morte de muitos seres vivos, a extinção de espécies e a redução da biodiversidade. Algumas conclusões sobre os efeitos negativos do lançamento de resíduos sólidos, dos derrames de petróleo e alcatrão, da erosão costeira resultante da construção sem controle e da pesca excessiva foram elaboradas pelos alunos e serão apresentadas no decorrer do ano lectivo.

Na viagem de regresso a Ponta Delgada, o ligeiro aumento da ondulação e da brisa marítima, a diminuição ténue da intensidade luminosa e um ligeiro aumento de velocidade fizeram com que todos os participantes sentissem subir a adrenalina no sangue e guardassem sensações fantásticas que não vão esquecer por um longo período de tempo. Foi uma viagem sensacional e é sempre um prazer voltar ao mar.



Ecoteca da Ribeira Grande... Ensino ou Educação Ambiental?



Numa altura em que técnicos e cientistas, alguns deles professores universitários, tanto filosofam sobre educação, depreciando os educadores e perorando sobre o “eduquês”, é útil reflectir sobre a utilidade ou inutilidade da educação ambiental.

A Escola formal cada vez mais é pressionada para que prepare os alunos como retransmissores de conhecimentos. A importância é dada prioritariamente à Língua Portuguesa e à Matemática e, recentemente, à Língua Inglesa.

A Escola deixou de ter a finalidade de educar, ou seja, de procurar desenvolver as faculdades físicas, morais, artísticas, sociais e intelectuais, para se limitar a ensinar, ou seja, transmitir conhecimentos.

Mais recentemente passou a ser pressionada para apenas treinar os alunos a resolver provas de exame, para obterem melhores resultados.

Porém, quando a sociedade descobre os flagelos da obesidade, do consumo de drogas ilícitas, da falta de educação cívica, por exemplo, quer atribuir à escola “mais uma disciplina” ou mais uma área não disciplinar para a Cidadania, a Sexualidade, o Ambiente, a Prevenção Rodoviária, o Consumo, a Saúde Oral, etc. No entanto há limites para o tempo em que os alunos estão na escola e com tantas horas de Línguas e Matemática...

A Ecoteca é um instrumento para executar educação ambiental, procurando apoiar as escolas de todos os graus de ensino, a sociedade em geral, privilegian-



**Texto e fotografias: Luís Noronha e Rita Melo
(Ecoteca da Ribeira Grande)**

do a sensibilização, formação e informação sobre o ambiente.

A educação não se esgota nas escolas, assim se justifica que se aposte num projecto que tenha como alvo toda a população.

A Ecoteca da Ribeira Grande, desde que abriu sua sede no Centro da Cidade, em Junho de 2008, passou a ser mais acessível à população em geral, não descurando as zonas de Maia e Rabo de Peixe e o Concelho de Nordeste. Mas a sua actividade principal atinge sobretudo a população da cidade da Ribeira Grande.

Além do apoio às Eco-escolas, a parceria com instituições é uma forma de manter um projecto com actividades continuadas. A educação não pode ser feita apenas com uma comemoração, um evento, uma

sessão, uma exposição, exige um projecto continuado, com a participação activa dos intervenientes.

Durante o ano foram realizadas 231 acções, nas quais se inclui o acompanhamento de visitas de estudo (107), sessões sobre temas como os resíduos, a água, as energias renováveis, biodiversidade, história natural dos Açores, geodiversidade, no total de 70, além de sessões de trabalho na Ecoteca, no

total de 64.

Por outro lado, as acções no exterior tiveram sempre a parceria de outras entidades, nomeadamente dos Amigos dos Açores, com 16 visitas à Gruta do Carvão acompanhadas pela Ecoteca e 6 outras sessões em parceria com a Associação.

Das restantes entidades avulta a colaboração com o Centro de Apoio Social e Acolhimento (Projecto Crescer) e a sua valência CDIJ (55) e com a participação da Câmara Municipal da Ribeira Grande (40).

Os estágios profissionais da Escola Profissional da Ribeira Grande e da EPROSEC foram e vão continuar a ser em 2010 acções de formação importantes, tal como o de 23 jovens do

Continua



OTL-J que no Verão promoveram 50 actividades, a maioria delas com crianças, jovens e famílias dos Bairros Sociais de Santa Luzia e Bandejo.



Seria exaustivo fazer a descrição de cada acção e de todas as entidades, mas salienta-se as realizadas com as escolas: Secundária da Ribeira Grande com 41, Básica do 2º ciclo Gaspar Frutuoso com 32, o conjunto das escolas do 1º ciclo da Básica Integrada da Ribeira Grande com 35 e de Rabo de Peixe com 19. No total participaram directamente nas actividades 6027 crianças, jovens e adultos. Indirectamente, nas exposições e acções públicas, como a Semana da Mobilidade ou nos concursos é impossível contabilizar. Por exemplo, nas Eco Olimpíadas, além dos 36 membros das equipas, normalmente assistem todos os alunos da respectiva escola.



Mas, daquele número, muitos são “repetentes” de várias actividades, o que é normal, para se atingirem os objectivos de consolidação das boas práticas. De todas as acções, talvez uma das mais emblemática foi a da Campanha SOS Cagarro, em que a Ecoteca foi procurada por 53 pessoas diferentes, individualmente ou em grupo, para entrega de Cagarros juvenis.

A Ecoteca é já um local de referência para o salvamento de outras aves, morcegos e até de tartarugas que dão à costa, mas também para procura de informação e esclarecimentos para trabalhos universitários ou para alertas sobre situações diversas.

Tudo isto revela uma população mais sensibilizada e consciencializada.

A Ecoteca não foi durante 2009 nem uma “Ecoteca”, nem um ATL, nem um depósito de informação.



Bons exemplos de Natal Sustentável

Texto e fotografias: Luís Noronha (Ecoteca da Ribeira Grande)



O Natal é celebrado pelos povos que maioritariamente têm uma cultura cristã, porque tem como motivo o Nascimento de Jesus Cristo.

As Igrejas Cristãs incorporaram muitas das tradições ancestrais e os rituais de celebração do solstício de Inverno. Toda a sociedade se sente contagiada numa época em que as próprias ruas são enfeitadas com motivos de Natal, apelando a que as pessoas as visitem e se sintam motivadas para as compras.

No entanto, a consciência ecológica vai evoluindo e sem perder os hábitos e as tradições, há a preocupação de evitar o desperdício e o consumo supérfluo. A responsabilidade é de cada cidadão, não

cabe apenas aos órgãos de decisão.

As iluminações de rua são cada vez mais elaboradas, para serem atractivas, mas o uso de lâmpadas LED (Díodo Emissor de Luz) tornou-se vulgar, permitindo uma poupança no consumo de 80 a 90% em relação às lâmpadas incandescentes. As sanefas que são usadas na rua, semelhantes às que podemos usar em casa, têm vantagem igualmente de durarem 7 vezes mais, podendo ser reutilizadas nos anos seguintes. Além disso, há o cuidado de apagar a iluminação a partir de certa hora em que todos dormem – ninguém vai ver a iluminação de madrugada!

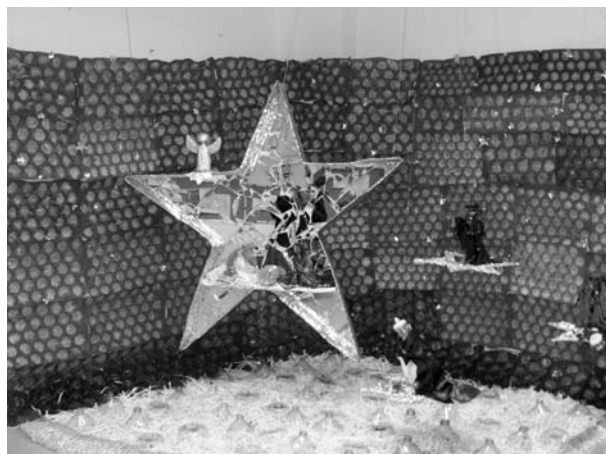
As tradicionais árvores de natal podem ser artificiais, podendo ser reutilizadas, poupando as árvores naturais. Estas também estão à venda, mas são certificadas, por terem sido cortadas na desmatção que é, por vezes, necessária para diminuir a densidade da plantação.

Os adereços das decorações de Natal têm desenvolvido a imaginação das crianças e dos pais, que reutilizam o material que seguiria para os ecopontos. Muitos deles obtêm efeitos estéticos muito agradáveis e são reutilizados em anos sucessivos.

Os embrulhos e respectivas embalagens podem ser reduzidos, havendo ofertas que são metidas em sacos reutilizáveis. Os papéis das nossas ofertas servem para novos embrulhos, podendo ser usados em motivos decorativos ou enviados para a reciclagem.

Cada vez mais se opta por evitar ceder à tentação de comprar o que é vistoso e fútil. Uma das opções certas será a de decidir por materiais produzidos na própria região, porque ajuda a nossa economia e diminui a pegada ecológica provocada pelo transporte.

Optar por uma festa de Natal mais sustentável não implica acabar com as tradições, mas sim fazer escolhas acertadas e conscientes.



Publicações e Materiais para Venda

| LIVROS | Associados | Não Assoc. | Nº | Valor |
|---|-------------------|-------------------|-----------|--------------|
| Alimentos Transgénicos | 5,00 € | 5,00 € | | |
| Associativismo Ambiental – O caso dos Amigos dos Açores (1984-2007) | Grátis | 1,00 € | | |
| Borboletas Nocturnas dos Açores | Grátis | 2,50 € | | |
| Cavidades Vulcânicas dos Açores (pequeno) | Grátis | 2,50 € | | |
| Cavidades Vulcânicas dos Açores (grande) | Grátis | 5,00 € | | |
| Desporto e Aventura – Orientação | Grátis | 5,00 € | | |
| Educar para a Energia | Grátis | 1,00 € | | |
| Gruta do Carvão – Património Natural Geológico | Grátis | 5,00 € | | |
| Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel | 7,50 € | 12,50 € | | |
| Orientação | Grátis | 1,00 € | | |
| Paisagens Vulcânicas dos Açores | 5,00 € | 8,00 € | | |
| Parque Natural da Plataforma Costeira das Lajes do Pico | Grátis | 2,50 € | | |
| Pedestrianismo e Percursos Pedestres | 3,00 € | 6,00 € | | |
| Pensar como uma Montanha de Aldo Leopold – Um caminho de Educação e Ética Ambiental | | | | |
| Percursos Pedestres em São Miguel | Grátis | 5,00 € | | |
| Plantas dos Açores | Grátis | 5,00 € | | |
| Plantas Usadas na Medicina Popular | Grátis | 5,00 € | | |
| BROCHURAS | | | | |
| Percurso Pedestre Agrião – Ribeira Quente | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Água Retorta – Sanguinho – Faial da Terra | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Caldeiras da Ribeira Grande – Pico Vermelho | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Caldeirinhas – Pico da Esperança – Fajã do Ouvidor | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre da Caloura | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre da Ponta da Madrugada | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre da Serra Devassa | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre das Furnas | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre das Sete Cidades | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre do Salto do Cabrito | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre do Sanguinho | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Pico da Urze – Fajã de Santo Cristo – Fajã dos Cubres | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Pico da Vara | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Ponta Garça – Ribeira Quente | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Praia – Lagoa do Fogo | Grátis | 1,50 € | | |
| Percurso Pedestre Santo António | Grátis | 1,50 € | | |
| POSTAIS | | | | |
| Algar do Carvão – Ilha Terceira | Grátis | 1,50 € | | |
| Algar Vulcânico – Génese | Grátis | 1,50 € | | |
| Bola de Acreção – Lava Ball | Grátis | 1,00 € | | |
| Estalactites – Stalactites | Grátis | 1,00 € | | |
| Furna do Enxofre – Ilha Graciosa | Grátis | 1,50 € | | |
| Gruta das Torres – Ilha do Pico | Grátis | 1,50 € | | |
| Gruta do Carvão – Ilha de São Miguel | Grátis | 1,50 € | | |
| Gruta do Carvão (Paim) | Grátis | 1,00 € | | |
| Gruta Lávia – Génese | Grátis | 1,50 € | | |
| Tubos Sobrepostos | Grátis | 1,00 € | | |
| OUTROS MATERIAIS | | | | |
| Bonés “Amigos dos Açores” | 2,00 € | 3,00 € | | |
| Corta-vento “Amigos dos Açores” | 10,00 € | 11,00 € | | |
| Sweat-Shirt “Amigos dos Açores” | 12,50 € | 13,00 € | | |
| T-Shirt “Amigos dos Açores” | 2,00 € | 4,00 € | | |
| T-Shirt “Golfinhos” | 4,00 € | 5,00 € | | |
| T-shirt “Salve um Cagarro Este Ano” | 5,00 € | 6,00 € | | |
| T-Shirt “Salvemos o Pombo Torcaz” | 3,00 € | 4,00 € | | |

Novos Sócios

Os **AMIGOS DOS AÇORES** são uma associação regional de defesa do ambiente, independente do poder político-económico e apartidária, que vem, desde 1984, trabalhando ininterruptamente a favor da conservação da maior riqueza dos Açores: o seu património natural.

No entanto, uma associação como esta, para desempenhar ainda melhor o seu papel, tem de continuar a aumentar a sua principal base de apoio: os seus associados.

Porque é fundamental contribuir para a garantia da existência de uma voz independente e firme na defesa do ambiente nos Açores, vimos convidá-lo(a) a aderir aos Amigos dos Açores, para tal basta preencher a ficha que junto enviamos e devolvê-la para:

AMIGOS DOS AÇORES

Avenida da Paz, 14

9600-053 PICO DA PEDRA

Preencher em maiúsculas e devolver por correio para a morada acima indicada:

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

SÓCIO N.º _____

Quota anual 10 €

☐

Outro Valor

☐

(quota + donativo) _____, _____ €

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

CÓDIGO POSTAL _____

TELEFONE _____

E-MAIL _____

PROFISSÃO _____

DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

N.º DO B. IDENTIDADE _____

N.º DE CONTRIBUINTE _____

**PARTICIPAÇÃO
GRUPOS DE
TRABALHO:**

Grupo de Actividades
de Natureza

Grupo de Educação
Ambiental e de
Participação

Grupo de Fotografia
de Natureza

Grupo pelo Bem
Estar Animal

DATA ____/____/____

ASSINATURA _____

A associação passará recibo, como donativo, de qualquer contributo acima do valor de 10 €, o qual poderá ser deduzido à colecta do ano para efeitos de IRS ou IRC.

Se deseja efectuar o pagamento de quotas por transferência bancária, por favor preencha em maiúsculas e devolva devidamente assinado:

AO BANCO _____

Agência de _____

_____, ____ de _____ de _____

Exmos. Senhores,

Por débito na minha conta com o NIB _____ nesse Banco, solicito que transfiram para crédito da conta dos AMIGOS DOS AÇORES com o NIB 003800009399438830195 (Agência de Calheta do BANIF AÇORES), a importância de _____ (_____), no primeiro dia útil de _____ de cada ano, até instruções minhas em contrário. Agradeço ainda que, ao efectuarem as transferências, indiquem sempre o nome completo e morada do ordenante. Esta ordem anula todas as eventuais anteriores.

De V.Ex.as.
Atentamente

(nome completo)

(assinatura idêntica à existente no Banco)

A TERRA QUE NÃO QUEREMOS

Incineração nos Açores

Diga não!!!

Amigos dos Açores

Associação Ecológica